

A Dupla Jornada no imaginário de universitárias conforme a Psicologia Psicanalítica Concreta

University Students' Imaginary about their Double Shift according to Concrete Psychoanalytical Psychology

Doble Jornada en el imaginario de universitarias según la Psicología Psicoanalítica Concreta

*Bruna Risquoto Batoni**

*Andréia de Almeida Schulte***

*Sueli Regina Gallo Belluzzo****

*Tânia Maria José Aiello-Vaisberg*****

Resumo

Considerando que o acúmulo de atividades profissionais e tarefas domésticas onera o cotidiano das mulheres, provocando sofrimento emocional, o presente estudo objetiva investigar o imaginário coletivo de universitárias sobre a dupla jornada feminina na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta. Organizado como pesquisa qualitativa com o método psicanalítico, é articulado através de entrevista psicológica coletiva, mediada pelo uso do Procedimento Desenho-Estória com Tema. A consideração psicanalítica do material permitiu a interpretação de um campo de sentido afetivo-emocional denominado “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”. A prevalência desse campo não deixa espaço imaginativo para a valorização de outros projetos de vida, como engajamento em trabalho profissional pessoal e/ou socialmente significativo e constituição de família. O quadro geral permite afirmar que as participantes imaginam que é possível escapar da dupla jornada evitando dependência

* Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil. E-mail: brunabatoni@gmail.com

** Michigan School of Psychology, MI, Estados Unidos. E-mail: andreia_schulte@hotmail.com

*** Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil. E-mail: suelibelluzzo@gmail.com

**** Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP, Brasil. E-mail: aiello.vaisberg@gmail.com

financeira – um dos mais importantes meios de opressão feminina –, e cultivando posicionamentos voltados para a satisfação das próprias necessidades.

Palavras-chave: *mulheres, trabalho feminino, imaginário coletivo, psicanálise-metodologia.*

Abstract

This paper aims to investigate from a concrete psychoanalytical standpoint, the collective imaginary that female undergraduate students share in terms of working the double shift of having a career and a household to run. This is qualitative research based on the psychoanalytical method and is carried out via a collective psychological interview and Thematic Illustrated Story Procedure. The material allowed for the interpretation of an affective-emotional field named “My money, my comfort, my leisure”. The prevalence of this field does not allow for the imagination needed to value other life projects, such as having a personal and/or socially significant professional work and establishing a family. The overall framework demonstrates that the participants imagine that it is possible to escape from the double shift by avoiding financial dependency, one of the most important means of female oppression and cultivating positions to satisfy their own needs.

Keywords: *women, working women, collective imaginary, psychoanalysis-methodology.*

Resumen

Se considera que la acumulación de actividades profesionales y tareas domésticas es una carga para las mujeres, causando sufrimiento emocional. El objetivo es investigar el imaginario colectivo de estudiantes universitarias en la doble jornada laboral femenina desde la perspectiva de la psicología psicoanalítica concreta. Organizado como una investigación cualitativa utilizando el método psicoanalítico, es articulado en una entrevista psicológica colectiva, mediada por el uso del Procedimiento de Dibujo-Historia con Tema. La consideración psicoanalítica permitió la interpretación de un campo afectivo-emocional, “Mi dinero, mi comodidad y mi diversión”. La prevalencia de este campo no deja espacio para valorar otros proyectos de vida, como participar en un trabajo profesional personal y/o socialmente significativo y formar una familia. Consecuentemente, afirmamos que las participantes imaginan poder escapar de la doble jornada laboral evitando la dependencia financiera, uno de los medios más importantes de opresión femenina, y cultivando posiciones destinadas a satisfacer sus propias necesidades.

Palabras clave: *mujeres, trabajo de mujeres, imaginario colectivo, psicoanálisis-metodología.*

Como sabemos, as mulheres enfrentam, atualmente, exigências contraditórias no sentido de participar do sustento familiar sem deixar de se responsabilizar pelo trabalho doméstico. Tal configuração – conhecida como dupla jornada – pode ser encontrada tanto nas classes médias como entre as classes mais desfavorecidas (Sousa & Guedes, 2016; Queiroz & Aragón, 2015). Essa questão é muito significativa e central, o que justifica que autores como Federici (2019) proponham que a própria teoria marxista deva ser revista na medida em que, nela, o chamado trabalho feminino, de caráter reprodutivo, não teria sido reconhecido como a base sem a qual nenhum trabalho produtivo, propriamente dito, seria possível. Correspondendo a um fenômeno humano que, como tal, é amplo, complexo e multifacetado, quando abordado do ponto de vista da psicologia como ciência, a dupla jornada deve ser considerada desde a perspectiva dos impactos subjetivos que gera, no sentido de provocar sofrimentos emocionais significativos (Bueskens, 2018). Entretanto, conhecer os contextos macrosociais nos quais há um acúmulo do trabalho da mulher é um passo fundamental para podermos produzir conhecimentos compreensivos que contribuam para a prática clínica e tragam subsídios úteis para debates no âmbito dos movimentos sociais de defesa da condição feminina.

A inserção da mulher no mercado de trabalho aumentou notavelmente nas últimas décadas em função da ampliação do acesso à educação de nível superior, permitindo a sua entrada em áreas profissionais que antes lhe eram praticamente vedadas. Ainda que a educação brasileira continue problemática em muitos aspectos (Jacobus, Vitelli, & Fritsch, 2019; Favato & Ruiz, 2018), não deixam de ser bastante significativa, no que diz respeito ao nosso interesse de pesquisa, algumas mudanças registradas pelo INEP (2018), entre as quais pode-se destacar a progressiva diminuição da diferença de escolaridade média entre homens e mulheres, bem como o fato da porcentagem de mulheres que finaliza o ensino superior já ultrapassar a dos homens. Certamente, o aumento do nível de escolaridade feminino, em nosso país, é um fenômeno multideterminado de grande interesse, que provavelmente se associa à queda da fecundidade, da morbidade e da mortalidade das mulheres e seus filhos (Beltrão, 2002), bem como ao advento dos movimentos feministas (Barros & Mourão, 2018; Pessoa &

Borges, 2018). Contudo, para os efeitos do presente trabalho, parece-nos suficiente demonstrar que o aumento da presença feminina no corpo discente das universidades veio modificar as feições do próprio mercado de trabalho, de modo que encontramos hoje mulheres que ocupam postos tradicionalmente vistos como masculinos.

Ora, se a mulher com formação universitária é hoje uma figura comum no mundo laboral, não se pode negar que enfrenta barreiras e dificuldades para não terem a sua remuneração rebaixada, em virtude da condição feminina, ou para alcançar cargos de alto grau hierárquico (INEP, 2018; Ricoldi & Artes, 2016). Evidências simples de desigualdade de gênero podem ser facilmente lembradas. Por exemplo, sabemos que a brasileira recebe entre 25% e 50% do salário de seu colega de sexo masculino, com mesmo cargo e com formação acadêmica semelhante (Santos & Oliveira, 2017; Zanello, Fiuza, & Costa, 2015). Não é difícil perceber que, poder ter ganhos próprios se constitui como importante conquista feminina, que certamente se traduz em um aumento de autonomia pessoal, pois o fato de enfrentar dificuldades no mundo laboral em função do gênero se apresenta como fonte de frustrações e sofrimentos emocionais.

Quando um homem consegue um emprego e um salário, encontra-se em posição não antagonista à constituição de uma família, uma vez que o fato de se tornar marido e pai não colide com a necessidade de trabalhar e ser remunerado. A situação da mulher é diferente, pois o casamento e a maternidade vão exigir, mesmo daquelas que se encontram inseridas no mercado de trabalho, que acrescentem, às suas obrigações diárias, a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelos cuidados com os filhos. Tais atividades, que se fazem passar por uma espécie de extensão natural da biologia feminina, correspondem, de fato, a um tipo bem definido de trabalho, o trabalho reprodutivo, que demanda tempo e esforço, gerando fadiga e afetando a disponibilidade para o trabalho profissional (Federici, 2019).

Quando focalizamos a questão da dupla jornada, percebemos, sem dificuldade, que se trata de um fenômeno vinculado à persistência das aspirações femininas de conjugalidade e maternidade, as quais se somam às novas buscas por participação no mundo laboral e obtenção de

independência financeira. Entretanto, parece-nos fundamental recorrer às formulações de Federici (2019) que, enquanto historiadora, convida-nos a recordar que a separação entre domicílio e local de trabalho é um evento recente na história humana, que coincide com a chamada revolução industrial. Apenas quando são montadas as fábricas, torna-se necessário definir quem permanece em casa e quem sai para trabalhar, bem como quais serão as atividades merecedoras de salário, e quais serão aquelas que, mesmo sendo indispensáveis à sobrevivência, não serão remuneradas. Antes disso, os grupos familiares trabalhavam coletivamente na terra e mesmo estando em vigência uma ordem patriarcal, não se observava uma divisão de tarefas em termos de trabalho propriamente dito, digno de remuneração, e atividades domésticas, vistas como “não-trabalho”, mas meros prolongamentos das funções biológicas de gestação e aleitamento. Assim, anteriormente à revolução industrial, o trabalho era coletivamente realizado e coletivamente recompensado.

Constatamos que, atualmente, em função de múltiplas determinações, as mulheres se veem na contingência de tentar conciliar casamento e maternidade com o trabalho profissional, pois nem todas se contentam com a realização na esfera profissional e financeira. Por esse motivo, estudos como o de Losada e Rocha-Coutinho (2007) detectam que ser mãe e ter um relacionamento afetivo-sexual gratificante se apresentam como projetos significativos também para mulheres profissionalmente realizadas. Entretanto, a aspiração ao casamento e à maternidade tem originado debates interessantes. Por um lado, temos pesquisadoras que vão entender que os anseios da mulher profissional por uma vida conjugal derivariam principalmente da internalização submissa de expectativas sociais (Zanello, 2018). Por outro lado, outras consideram que a aspiração pelo estabelecimento de laços amorosos e familiares corresponda não apenas à submissão a exigências sociais, mas também a algo que brota de modo autêntico e espontâneo no âmbito de sua personalidade individual. Aquelas mulheres que tanto almejam desenvolver capacidades de autorrealização como a capacidade de cuidado do outro estariam, de acordo com as colocações de Bueskens (2018), evitando optar entre se realizar como *self* individualizado ou *self* altruísta.

Como é possível verificar, a dupla jornada coloca muitas interrogações, não apenas para as mulheres que se encontram vivendo essa situação, mas também para aquelas que dela se aproximam ao vivenciar processos de transição para a vida adulta (Winkler, 2019). Optamos por nos aproximar dessa questão, no presente momento, pela via da abordagem de universitárias que, em pouco tempo, se defrontarão com essa questão.

METODOLOGIA

A presente pesquisa faz parte de um conjunto de investigações sobre imaginários coletivos que faz uso do método psicanalítico na perspectiva da psicologia psicanalítica concreta (Aiello-Vaisberg, 2017). Tais produções têm seu valor científico firmemente reconhecido, conforme atestam Rosa, Lima, Peres e Santos (2019), que realizaram uma criteriosa revisão integrativa. Esclarecemos que, voltando-se para a produção de conhecimentos compreensivos, a pesquisa qualitativa com método psicanalítico não faz uso de levantamento de hipótese prévia, pois a investigação apresenta caráter eminentemente exploratório (Hollway & Jefferson, 2000). Sendo assim, os seus resultados apresentam caráter interpretativo, mas não permitem nem visam o alcance de enunciados de caráter geral a partir dos quais surgiriam novas hipóteses.

Duas operações são fundamentais quando entra em operação o método psicanalítico, a saber, a associação livre de ideias e a atenção flutuante que se baseiam na adoção de uma atitude de abertura ao encontro com o outro, com o desapego a crenças e teorias (Laplanche & Pontalis, 1967/2001). O método psicanalítico se tem mantido invariante desde a constituição da psicanálise como saber rigoroso sobre o ser humano (Herrmann, 1979/1991). Contudo, o material clínico e de pesquisa, que esse método produz, pode ser teorizado de mais de um modo, como bem demonstram Greenberg & Mitchell (1983/1994), ao identificarem o paradigma pulsional e o paradigma relacional. Assim, cumpre esclarecer que a pesquisa qualitativa com método psicanalítico, que ora apresentamos, teoriza segundo a psicologia psicanalítica concreta (Aiello-Vaisberg, 2017),

referencial que se alinha ao paradigma relacional e que se diferencia de outros por valorizar muito claramente a inserção dos campos vinculares em contextos macrosociais.

A perspectiva psicanalítica concreta tem como base epistemológica o pensamento do filósofo Georges Politzer (1928/2004), crítico da vertente metapsicológica da psicanálise, que encontrou, nas formulações freudianas sobre o sonho, a possibilidade de constituição de uma verdadeira psicologia em primeira pessoa, concreta e dramática, que veio a ser desenvolvida por Bleger (1963/2007). O psicanalista argentino baseou a sua proposta em dois conceitos fundamentais e solidários, *conduta* e *campo*, que consistem numa tentativa de depurar a noção de inconsciente de seu abstracionismo.

As condutas são compreendidas como atos e produtos de atos humanos, realizados por indivíduos ou coletivos. Segundo Bleger (1963/2007), a conduta dos seres humanos é objeto de estudo de todas as ciências humanas, sendo que cada uma abordaria um aspecto ou qualidade desses atos humanos. A psicologia se ocupa do estudo dos sentidos afetivo-emocionais dos atos humanos, ou seja, do drama ou da experiência vivida (Bleger, 1963/2007), sendo fundamental destacar que atos geram ambientes psicológicos e ambientes psicológicos constituem-se como fundos a partir dos quais surgem novos atos.

Elegemos, para a presente pesquisa, estudar um tipo de conduta, o ato de imaginar, com o qual tomamos contato comumente acercando-nos de seus produtos, conhecidos como imaginários. A atividade imaginativa gera, como efeitos concretos, campos de sentido afetivo-emocional que podem ser definidos como mundos vivenciais habitados intersubjetivamente por indivíduos e coletivos humanos. Definidos a partir de um conjunto de ideias, crenças, sentimentos e pensamentos, são o fundamento sustentador das condutas humanas (Rosa et al., 2019). Assim, os campos de sentido afetivo-emocional e as condutas seriam momentos diversos da mesma capacidade humana de ação, de modo que podemos afirmar que a conduta produz campos que, por seu turno, produzem novas condutas, num movimento dialético contínuo, do qual não participam elementos infra-humanos nem sobrenaturais (Bernardi, 2017; Stern, 2017). Vale a pena acrescentar, à guisa de esclarecimento, que os campos de sentido afetivo-emocional

podem ser denominados como campos intersubjetivos, quando os autores têm em mente salientar o fato de que toda conduta humana implica o outro, apresentando caráter vincular, ou seja, inter-humano (Bleger, 1963/2007).

Participantes e Questões Éticas

Participaram voluntariamente da pesquisa 30 estudantes universitárias autoidentificadas como pertencentes ao sexo feminino, que estudam em uma universidade particular do interior paulista, cujo corpo discente é predominantemente composto por pessoas de classe média e alta. Essas estudantes foram entrevistadas de forma coletiva em uma sala de aula institucionalmente disponibilizada para tal fim. A legislação que regula, em nosso país, a realização de pesquisas com seres humanos, com a finalidade de proteger eticamente os participantes, foi criteriosamente aplicada na presente investigação.

Procedimentos e Instrumentos

Operacionalizamos o método psicanalítico em três etapas investigativas, que descreveremos a seguir: 1) procedimento investigativo de produção do material de pesquisa; 2) procedimento investigativo de registro de comunicações das participantes; e, 3) procedimento investigativo de interpretação do material.

O procedimento investigativo de produção do material ocorreu a partir de uma entrevista psicológica (Bleger 1979/1980), em enquadre coletivo e mediada pelo uso do Procedimento Desenho-Estória com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), recurso mediador, usado como estratégia de favorecimento de comunicações emocionais. Bastante utilizado na pesquisa qualitativa, em nosso país, esse recurso, que toma como base paradigmática o jogo do rabisco (Winnicott, 1968/1994), permite que a investigação de sentidos afetivo-emocionais se faça numa atmosfera maximamente relaxada e brincante. Em um primeiro momento, as participantes receberam uma folha sulfite e lápis grafite, sendo-lhes solicitado que desenhassem “uma mulher bem-sucedida aos quarenta anos de idade” e que, a seguir, criassem uma história sobre

a figura desenhada, escrevendo-a no verso da folha. O tema “uma mulher bem-sucedida” foi escolhido tendo em vista estimular transicionalmente a imaginação das participantes, conforme os fundamentos norteadores do uso do procedimento (Aiello-Vaisberg, 1999). A definição da idade de 40 anos deu-se em função da possibilidade de já se ter certa definição e desenvolvimento profissional, ao mesmo tempo em que aponta, de modo sutil, para o fenômeno da transitoriedade da fertilidade feminina.

Os próprios desenhos e histórias, produzidos pelas participantes, foram usados para cumprir as exigências do procedimento investigativo de registro das comunicações. Além disso, elaboramos uma narrativa transferencial de memória, após a realização da entrevista psicológica coletiva, por meio da qual relatamos tanto ocorrências que tiveram lugar durante a entrevista como impactos afetivo-emocionais, no sentido contratransferencial do termo, gerados pelo encontro com os alunos (Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron, & Beaune, 2009). As narrativas transferenciais têm sido usadas regularmente em pesquisas qualitativas com o método psicanalítico. Podem tanto integrar o material de pesquisa propriamente dito como somente contextualizar a situação em que os participantes foram abordados. No presente caso, foram empregadas ao modo de contextualização.

O procedimento investigativo de interpretação do material se deu a partir da análise dos registros, retomados à luz da observação das seguintes palavras de ordem, para que facilitassem o entendimento e a realização da interpretação dos campos de sentido afetivo-emocional: “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar a configuração de sentido” (Herrmann, 1979/1991). Nesse momento, é necessário suspender os conhecimentos teóricos para que os pesquisadores se deixem impactar emocionalmente pelo material, com vistas a produzir interpretações. Essas não são formuladas no intuito de cobrir toda a riqueza do material, mas com vistas a contribuir para a compreensão do imaginário das participantes sobre um importante aspecto da experiência de vida da mulher contemporânea.

Finalizado o uso do método psicanalítico, passamos à discussão dos resultados interpretativos que, a bem da clareza, denominamos interlocuções reflexivas, que consistem na retomada dos resultados interpretativos,

que são os campos de sentido afetivo-emocional, em diálogo com autores que se tenham ocupado das questões humanas nelas colocadas.

RESULTADOS

A consideração do material permitiu a criação/encontro de um campo de sentido afetivo-emocional, ou inconsciente intersubjetivo, denominado “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”, que deve ser definido como aquele que se organiza ao redor da crença ou fantasia de que a mulher é bem-sucedida quando é financeiramente independente e tem acesso a padrões sofisticados de consumo. A seguir, apresentam-se fragmentos do material que podem ser considerados como condutas emergentes desse campo.

História 01

Mulher bem-sucedida, 40 anos. Independente financeiramente. Professora de Universidade e também atua na área social (Políticas Públicas). Pratica esportes, hobby preferido é andar de bicicleta no parque e fazer trilhas. Conhecer novos lugares sempre está em seus planos; sente-se realizada investindo em viagens e tendo novas experiências de vida, conhecendo novas pessoas e se dedicando ao seu trabalho.



Figura 1. Desenho 01

História 02

Mulher com 40 anos, é uma psicanalista conceituada e bem conhecida em sua cidade. Ela gosta de se vestir bem e conserva o seu estilo alternativo da juventude. Também gosta de viajar pelo mundo e o faz com frequência, já que tem uma boa condição financeira; ela é independente, dona de si, ativista política, feminista e ativa em algumas ONGs. Gosta de ler e escutar músicas que a façam sentir viva e pensar na vida. Além disso, costuma sair com os amigos da faculdade para barzinhos e eventos culturais.



Figura 2. Desenho 02

História 03

Uma mulher de 40 anos, dedicada à profissão, investiu em projetos inovadores no mercado, o que fez com que enriquecesse o suficiente para viver confortavelmente, construindo a sua casa do jeito que mais lhe agrada, com o carro que sempre sonhou para realizar as diversas viagens a lazer, algo que sempre gostou de fazer e agora pode se dedicar a isso devido a maior estabilidade financeira.



Figura 3. Desenho 03

Interloquções Reflexivas

O campo de sentido afetivo-emocional criado/encontrado a partir do material de pesquisa, denominado “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”, é definido como aquele que se organiza ao redor da crença ou fantasia de que a mulher é bem-sucedida quando é financeiramente independente e pode ter acesso a padrões sofisticados de consumo. Trata-se, como se pode notar, de um imaginário que exclui tanto a convivência conjugal como a maternidade como projetos indispensáveis à felicidade da mulher, demonstrando uma mudança social importante (Gonçalves, 2017).

Entretanto, é importante frisar que recusando o casamento, as participantes dessa pesquisa simplesmente neutralizam a questão da dupla jornada para substituí-la por uma vida voltada ao mundo laboral, que garante sustento e acesso aos bens de consumo sofisticados. Assim, as personagens dos desenhos-estórias assemelham-se, compreensivelmente, com as participantes, em termos de sua condição de pessoas de classe média com acesso facilitado ao consumo. O trabalho reprodutivo não é mencionado, talvez porque essa personalidade coletiva, jovem universitária de classe média, tenha sido poupada de executá-lo, ao longo de sua infância e adolescência, como é comum em lares dessa condição socioeconômica,

onde o trabalho reprodutivo fica a cargo de empregadas domésticas. Tal situação apresenta ressonâncias com achados de Winkler (2019) que, em pesquisa realizada com jovens mulheres *youtubers*, constatou sofrimento emocional, vinculado à perda de facilidades garantidas pela família de classe média, entre as quais se colocava exatamente o trabalho reprodutivo como um aspecto importante do processo de transição para a vida adulta. Assim, quando passam a ter domicílio próprio, e a assumir processos cotidianos de manutenção da vida, as jovens *youtubers* lamentam ter que assumir preocupações que até então corriam sob responsabilidade de outros adultos.

Evidentemente, as tarefas domésticas não são vividas por aquelas que as realizam como atividades que ocorrem sem requerer esforço ou empenho. De fato, o que Federici (2019) conceitua como trabalho reprodutivo é fruto de esforços diários e constantes em tarefas que se desdobram em múltiplas operações, a partir das quais, nossa condição concreta de seres encarnados, no sentido fenomenológico da expressão, encontra possibilidade de continuidade na temporalidade do mundo material. Coloca-se, então, a questão: como atividades que exigem tanto esforço podem ser vistas como não-trabalho? De acordo com Federici (2019), consegue-se ocultar o fato do trabalho reprodutivo ser, sim, trabalho, no sentido pleno do termo, por meio de manobras que o transformam em expressão da natureza feminina. Essa verdadeira mistificação é vivida – por aquelas que realizam o trabalho reprodutivo – como desvalorização, humilhação e injustiça, numa configuração opressora que se encontra na raiz dos chamados sofrimentos sociais. Uma vez que o trabalho reprodutivo é naturalizado e sexualizado, considerado um atributo feminino, a mulher é colocada numa relação de servidão no que concerne o mundo masculino como um todo (Federici, 2019). Essa condição gera desconforto emocional para as mulheres, que pode ser considerado como sofrimento socialmente determinado, vale dizer, como sofrimento que se vincula diretamente ao modo como se organiza objetivamente a sociedade (Visintin; Aiello-Vaisberg, 2017; Renault, 2010), o que está frequentemente associado às questões de gênero, raça e classe.

Com finalidade de obter independência econômica, as personagens dos desenhos-estórias, produzidos pelas participantes de nossa pesquisa, ignoram o trabalho reprodutivo e embarcam decididamente no mundo

laboral. Para fazê-lo, contudo, devem desistir de outras aspirações, como a de ter um marido e a de ter filhos, que ainda se oferecem, no meio sociocultural em que vivemos, como projetos historicamente enraizados e altamente valorizados do ponto de vista imaginário (Gonçalves, 2017).

Entretanto, é importante lembrar que esse verdadeiro grito de liberdade, “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão”, que celebra independência financeira e autonomia pessoal, somente pode ocorrer no contexto da classe média que tem acesso ao ensino de nível superior, mantendo-se inacessível a todas aquelas que pertencem às classes subalternas, especialmente quando negras. No material, fica claro que nossas participantes imaginam ser o poder econômico aquilo que possibilita dizer não ao casamento e à maternidade, bem como conquistar autonomia. Quando cultivam independência financeira, na condição de solteiras ou divorciadas, as personagens dos desenhos-estórias, produzidos por nossas participantes, podem escolher livremente com o que desejam gastar os seus ganhos. E aí nos deparamos com escolhas bem interessantes, voltadas maximamente para a diversão e lazer. Não encontramos nenhum outro tipo de projeto político, religioso, esportivo, artístico, ecológico ou outro, mas nos deparamos com a ideia de que ganhando bem em um trabalho não estressante, o melhor a fazer é ter uma boa casa, ter carro e poder viajar. Estão, portanto, rigorosamente bem instaladas numa sociedade capitalista voltada para o consumo, de modo que o campo de sentido afetivo-emocional, aqui criado/encontrado, fornece uma resposta: usam o dinheiro buscando aumentar seu conforto pessoal e usufruir de lazer que frequentemente inclui viagens internacionais que, como sabemos, podem ser, na atualidade, um jeito de “comprar experiências”.

A sociedade de consumo cria a sensação de que as pessoas gozam de autonomia para fazerem escolhas, mas na realidade estão subordinadas ao reconhecimento social, numa sociedade que valoriza o ter, em detrimento do ser (Soares, 2019). Ao se inserirem em contextos, nos quais predomina a crença de que as pessoas são valorizadas por aquilo que possuem e consomem, as participantes não se mostram engajadas com os debates contemporâneos sobre a mulher no mercado de trabalho, as discriminações que sofrem, as dificuldades para alcançarem posições de liderança e

a conciliação de vida profissional e a maternidade. O trabalho em si não aparece como significativo, não há histórias relativas à sua vinculação a algo maior, não tem a ver com vocação, não passa de uma forma de viabilizar o consumo para obterem coisas materiais que lhes trariam felicidade (Federici, 2019).

Quando nos desenhos-estórias surgem filhos e/ou marido, e/ou animais de estimação, normalmente estão vinculados à diversão, não há referência à convivência entre seres humanos ou ao cuidado em seu dia a dia, gerando a impressão de que o adulto seria, nessa perspectiva imaginativa, basicamente um consumidor para o qual o comprar pode ser buscado inconscientemente, porque poderia promover a sensação de estar vivo (Arós & Aiello Vaisberg, 2009).

Uma das mais sofisticadas formas de consumo, no mundo contemporâneo, é o lazer que inclui, a partir de certo patamar socioeconômico, a realização de turismo internacional desejavelmente frequente. O lazer é um assunto bastante complexo. O direito ao tempo livre foi uma das mais importantes reivindicações da classe trabalhadora na sociedade industrializada, na qual prevalecia um sistema de produção maciça de mercadorias. Atualmente, o lazer se configura não como descanso de uma estafante jornada de trabalho, mas principalmente como tempo destinado ao consumo (Soares, 2019). Curiosamente, as mulheres, quando casadas e mães, não usufruem verdadeiramente de tempo livre, uma vez que o trabalho reprodutivo nunca termina, prosseguindo mesmo em contexto de férias com a família, ao se inserirem no mundo laboral, passaram a ser consumidoras no grande mercado do lazer, que oferece tanto a possibilidade de aquisição de produtos, propriamente ditos, como a aquisição de “experiências” de vida. Assim, o dinheiro, originariamente buscado como meio de adquirir independência e autonomia, no contexto de luta contra o poder financeiro masculino, acaba facilitando um processo que, de modo nem sempre sutil, substitui a condição de pessoa humana pela de consumidor.

O quadro delineado até o momento revela uma mulher jovem que recusa a dupla jornada dizendo não ao casamento e à maternidade, ou tão-somente ao casamento e inserindo-se no trabalho produtivo para, dessa forma, obter independência financeira. Rompe, desse modo, pelo menos

como se manifesta na entrevista psicológica coletiva realizada, com todo um sistema que deveria convencê-la de que a sua vida não tem sentido se não puder se tornar esposa e mãe (Gonçalves, 2017). Galgado o primeiro e mais importante degrau, no qual diz não à fantasia de que não tem valor a mulher que não se casa e não tem filhos, conquista uma certa liberdade – a de não se sobrecarregar assumindo um emprego produtivo e um trabalho reprodutivo. A partir daí, dedica-se integralmente a si mesma, proporcionando-se prazer, conforto e diversão, num posicionamento que não inclui objetivos que transcendam o seu próprio bem-estar. Ou seja, o gesto libertador se conclui com a transformação da mulher em uma consumidora. Aquela que deixou de ser a esposa oprimida por imaginários que colocam a mulher mais próxima da natureza e da animalidade, a consumidora torna-se um ser mais instintivo do que racional, inserindo-se bem na dinâmica do capitalismo neoliberal. Quais seriam os efeitos subjetivos da mudança da esposa submissa para a consumidora que decide, a partir de suas escolhas pessoais, que mercadorias comprar?

A partir do conceito winnicottiano de falso e verdadeiro *self*, podemos considerar que a organização social capitalista, que tanto despersonaliza o produtor, como o consumidor, favorece vivências sem autenticidade (Winnicott, 1960/1982). O ser humano parece ter sempre diante de si duas possibilidades: manter-se espontâneo e autêntico, vale dizer, integrado no seu sentir e no seu pensar, ou submeter-se de modo não autêntico, na tentativa defensiva de minorar sofrimento (Arós & Aiello-Vaisberg, 2009, Winnicott, 1960/1982). No presente material, há a possibilidade de perceber um movimento de autoafirmação contra a dependência financeira no contexto do casamento em si, uma manifestação coerente com a capacidade humana de gestualidade espontânea e transformadora de si e do mundo (Aiello-Vaisberg, 2012).

Entretanto, também é verdade que o gesto autoafirmativo resulta, infelizmente, na submissão à lógica capitalista e aos bens de consumo, como falsa felicidade (Federici, 2019). Desse modo, as jovens universitárias recusam imaginativamente a dupla jornada, mas se submetem à sociedade de consumo de confortos e lazer, renunciando experiências significativas e enriquecedoras. A idealização da maternidade é substituída pela idealização

do dinheiro e dos objetos sofisticados. Nessa linha, podemos levantar a hipótese de que o consumir se apresente como defesa contra a falta de projetos de vida significativos. Assim, o campo de sentido afetivo-emocional “Meu dinheiro, meu conforto, minha diversão” insurge contra a opressão da mulher dentro do casamento, mas reproduz defesas alienantes centradas no consumismo.

Seria acertado afirmar que o consumismo favorece e fortalece aspectos imaturos da personalidade humana, na medida em que visa convencer as pessoas que se realizariam mediante condutas acumuladoras? A mulher, imaginativamente recém-liberta da dupla jornada, faz parte desse grupo, com ele compartilhando a busca de prazer fugaz da posse de mercadorias, aí incluídas as “experiências de viagem”. Recordemos que no reino do consumo a pessoa é desumanizada e despersonalizada para se tornar um ser acumulador de um modo que apequena o ambiente social. Ora, para que o amadurecimento emocional se dê, é necessário, como bem demonstra Plastino (2012), um ambiente cultural suficientemente bom, que não encontramos na sociedade de consumo no tempo do neoliberalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É lícito pensar que o campo “Meu dinheiro, meu conforto e minha diversão” aponte para um temor do vínculo conjugal, na medida em que o casamento traria consigo o risco de dependência financeira e de sobrecarga de trabalho não reconhecido, bem como um conjunto de obrigações aprisionadoras e geradoras de sofrimentos sociais. Contudo, cabe lembrar que o casamento e a maternidade não se configuram como condições geradoras de sofrimento apenas a partir da instalação da dupla jornada. Na verdade, mesmo antes da possibilidade de praticar anticoncepção, regulando o número de filhos, mesmo antes da entrada no mercado de trabalho, que traz a possibilidade de independência financeira, as mulheres sofriam os efeitos estruturalmente opressores e hierárquicos do casamento como instituição. Essa questão nem sempre é bem compreendida, na medida em que a instituição não deixa de ser autoritária e opressora em função da personalidade mais ou menos, digamos, democrática, do marido.

Temos, assim, a impressão de que nos encontramos, ao examinar os desenhos-estórias produzidos pelas participantes, diante de uma manifestação que diz não, com tranquilidade, tanto à condição de esposa tradicional, que se define como “do lar”, como à esposa atualizada, que vive a dupla jornada. Contudo, o que dizer se esse posicionamento custar uma renúncia à maternidade? Os vários cães e gatos, que apareceram em alguns desenhos, parecem apontar para uma necessidade de afeto e de companhia que faz pensar em um tipo de criança que amaria incondicionalmente, mas não exigiria tantos cuidados. De fato, os animais têm a curiosa característica de se afeiçoarem aos donos sem demandarem o mesmo nível de cuidado que as crianças.

A extinção da dupla jornada por meio da recusa eventual ao casamento e à maternidade, como única possibilidade de realização da mulher, não deixa de representar um avanço importante, mesmo que esteja longe de representar o ponto final de uma trajetória de luta contrária à opressão feminina. Contudo, esse avanço se realiza à custa de muito esforço, em meio a uma existência humanamente empobrecida, que exclui da vida de vastas maiorias a possibilidade de contemplar importantes aspirações que possam incluir projetos relevantes nos campos da arte, da ciência, da política, da religião, da ecologia e da luta contra a injustiça. Se o ato libertário não desembocasse na conduta dissociada e consumista, um avanço significativo em direção de um viver mais autêntico (Winnicott, 1960/1982), que incluiria um relacionamento mais solidário com as mulheres, poderia se instaurar.

A nosso ver, a luta contra a dupla jornada é extremamente importante porque aponta para uma questão fundamental do modo humano de ser que, incluindo o respeito pela alteridade e solidariedade, inscreve-se como ética do cuidado. A valorização do cuidado, numa linha de reconhecimento do seu valor, tanto pode liberar a mulher da própria opressão, ou da opressão que exerce sobre outras mulheres, explorando a sua força de trabalho, como pode beneficiar diretamente o homem ao favorecer que se aproximem do trabalho reprodutivo. Homens em maior contato com o cuidado requerido pela manutenção da vida provavelmente terão as suas vidas enriquecidas.

Finalizamos lembrando que nos encontramos em um período histórico que parece se caracterizar por grandes mudanças. Esperamos que nossa

pesquisa possa contribuir para a produção de conhecimento psicológico compreensivo que apresente utilidade clínica, mas também contribua com lutas por transformações significativas da vida feminina e da vida de todos. Assim, estaremos inserindo-nos num movimento maior de constituição de um humanismo radical e libertário, que se funda na possibilidade de solidariedade, respeito e consideração entre as pessoas e entre os coletivos humanos.

REFERÊNCIAS

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. (Tese de livre-docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP). Recuperado de <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-24022006-090139/publico/Tania.pdf>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2012). Paradoxo e loucura: a radicalidade do pensamento psicopatológico de Winnicott. In I. Sucar, & H. Ramos. *Winnicott: ressonâncias* (pp. 231-238). São Paulo, SP: Primavera Editorial.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo Clínico Ser e Fazer: Resposta Crítico-Propositiva a Despersonalização e Sofrimento Social. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62.
- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009). Les récits transférenciels comme présentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D. Beaune (Org.), *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues* (Vol. 1, pp. 39-52). Paris: L'Harmattan.
- Arós, A. C. S. P. C., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). Clube da luta: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(2), 3-17.
- Barros, S. C. V., & Mourão, L. (2018). Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. *Psicologia & Sociedade*, 30, e174090, 1-11. doi: 10.1590/1807-0310/2018v30i174090

- Beltrão, K. I. (2002). *Acesso à educação: diferenciais entre os sexos*. Rio de Janeiro, RJ: IPEA.
- Bernardi, B. L. (2017). Dialectics of transference interpretation and analytic field. In S. M. Katz, R. Cassorla, & G. Civitarese (Orgs.), *Advances in contemporary psychoanalytic field theory: concept and future development* (pp. 31-44). New York: Routledge.
- Bleger, J. (1980). *Temas de psicologia: entrevista e grupos*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1979)
- Bleger, J. (2007). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1963)
- Bueskens, P. (2018). *Modern motherhood and women's dual identities: rewriting the sexual contract*. Abingdon, Eng.: Routledge.
- Favato, M. N., & Ruiz, M. J. F. (2018). REUNI: política para a democratização da educação superior? *Revista Eletrônica de Educação*, 12(2), 448-463. doi: 10.14244/198271992365
- Federici, S. (2019). *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo, SP: Elefante.
- Gonçalves, E. (2017). Solteira, sem filhos: menos que meia pessoa? *Mediações (Londrina)*, 22(2), 479-509. doi: 10.5433/2176-6665.2017v22n2p479.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (1994). *Relações objetais na teoria psicanalítica*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1983)
- Herrmann, F. (1991). *O método da psicanálise*. São Paulo, SP: Brasiliense. (Original publicado em 1979)
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: free association narrative and the interview method*. London: Sage Publications
- INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2018). *Mulheres são maioria na educação superior brasileira*. Censo. 08 de março de 2018. Recuperado de http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/mulheres-sao-maioria-na-educacao-superior-brasileira/21206

- Jacobus, A., Vitelli, R. F., & Fritsch, R. (2019). A produção de conhecimentos sobre Educação Superior no Brasil em artigos publicados entre 2008 e 2018. *Revista Educação em Questão (Natal)*, 57(53), 1-26. doi: 10.21680/1981-1802.2019v57n53ID17114.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes. (Original publicado em 1967)
- Losada, B. L., & Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Redefinindo a atividade profissional feminina: caso das pequenas empresárias. *Psicologia em Estudo (Maringá)*, 12(3), 493-502. doi: 10.1590/S1413-73722007000300006
- Pessoa, M. L. S., & Borges, J. L. de J. (2018). Questões e tensões: alguns paradoxos do feminismo. *Revista Katálysis*, 21(3), 544-553. doi: 10.1590/1982-02592018v21n3p544
- Plastino, C. (2012). A emergência espontânea do sentimento ético como tendência da natureza humana. *Winnicott e-prints*, 7(1), 80-113.
- Politzer, G. (2004). *Crítica dos fundamentos da psicologia: a psicologia e a psicanálise*. Piracicaba, SP: Unimep. (Original publicado em 1928)
- Queiroz, V. S., & Aragón, J. A. O. (2015). Alocação de tempo em trabalho pelas mulheres brasileiras. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 45(4), 787-819. doi: 10.1590/0101-416145484vqj
- Renault, E. (2010). A critical theory of social suffering. *Critical Horizons*, 11(2), 221-241. doi: 10.1558/crit.v11i2.221
- Ricoldi, A., & Artes, A. (2016). Mulheres no ensino superior brasileiro: espaço garantido e novos desafios. *Ex Aequo*, 33, 149-161.
- Rosa, D. C. J., Lima, D. M., Peres, R. S., & Santos, M. A. dos. (2019). O conceito de imaginário coletivo em sua acepção psicanalítica: uma revisão integrativa. *Psicologia Clínica*, 31(3), 577-595. doi: 10.33208/PC1980-5438v0031n03A09
- Santos, S. S., & Oliveira, L. P. S. (2017). O direito ao desenvolvimento como uma ferramenta na promoção da igualdade entre gêneros no mercado de trabalho. *Revista de Gênero, Sexualidade e Direito (Maranhão)*, 3(2), 43-61.

- Soares, J. M. (2019). O lazer e o tempo do não trabalho no capitalismo: as ilusões do consumo. *Licere (Belo Horizonte)*, 22(3), 603-622. doi: 10.35699/1981-3171.2019.15351
- Sousa, L. P., & Guedes, D. R. (2016). A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. *Estudos Avançados*, 30(87), 123-139. doi: 10.1590/S0103-40142016.30870008
- Stern, D. (2017). Emergent properties of the interpersonal field. In S. M. Katz, R. Cassorla, G. Civitarese (Orgs.), *Advances in contemporary psychoanalytic field theory: concept and future development* (pp. 175-190). New York: Routledge
- Visintin, C. D. N., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Motherhood and social suffering in brazilian mommy blogs. *Psicologia: teoria prática*, 19(2), 98-107. doi:10.5935/1980-6906/psicologia.v19n2p98-107.
- Winkler, V. T. C. (2019) *Imaginários coletivos de mulheres jovens sobre tornar-se adulta*. (Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP). Recuperado de <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/1218/2/VANESSA%20TONON%20CALDERELLI%20WINKLER.pdf>
- Winnicott, D. W. (1982). Distorção do ego em termos de self verdadeiro e falso. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre, RS: Artes Médicas. (Original publicado em 1960)
- Winnicott, D. W. (1994). O Jogo do Rabisco. In R. Sheperd & M. Davis (Orgs.), *Explorações Psicanalíticas* (pp. 230-243). Porto Alegre, RS: Artmed. (Original publicado em 1968)
- Zanello, V., Fiuza, G., & Costa, H. (2015). Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(3), 238-246. doi: 10.1590/1984-0292/1483
- Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba, PR: Appris.

Recebido em 29/02/2020

Aceito em 27/04/2021